

CARACTERIZAÇÃO FAMILIAR DE ALUNAS DE PSICOLOGIA ATRAVÉS DO GENETOGRAMA

Lígia Gondim Pessôa de Figueirêdo¹
Cristina Maria de Souza Brito Dias²

Resumo

Este trabalho teve por objetivo caracterizar a estrutura familiar de 32 alunas do curso de Psicologia através da técnica do Genetograma ou Genograma. A análise dos resultados procurou caracterizar e descrever os dados demográficos mapeados pelas alunas de Psicologia, explorando a estrutura familiar como também alguns aspectos do funcionamento familiar. Os dados obtidos nos permitiram chegar aos seguintes resultados: predominou o tipo de família nuclear, mostrando, porém, o incremento de novas organizações familiares; o estágio do ciclo de vida familiar que caracterizou predominantemente as famílias foi o denominado "lançando os filhos"; a maior parte das jovens estudantes continua morando com suas famílias, o que mostra como, cada vez mais, o jovem adulto está permanecendo em casa e, conseqüentemente, o desempenho das funções parentais ainda é bastante evidente; o tamanho das famílias tendeu a diminuir, confirmando estatísticas nacionais nesse sentido; as jovens que se diferenciaram das famílias o fizeram através do casamento; as mulheres (mães e avós) apresentaram maior expectativa de vida que os homens; houve uma tendência a um envolvimento positivo das alunas com os pais e familiares de origem materna e o funcionamento familiar tendeu a ser do tipo emaranhado.

Palavras-chave: genograma/genetograma, análise psicossocial da família, família nordestina.

FAMILY STRUCTURE OF FEMALE PSYCHOLOGY STUDENTS BY MEANS OF GENETOGRAM

Abstract

This study had as its objective to characterize the family structure of 32 psychology graduate students using the Genetogram. The data obtained permits us to make the following conclusions: the predominantly type of

¹ Universidade Federal da Paraíba

² Universidade Católica de Pernambuco

family structure was the nuclear family showing the showing however an increase of new families organizations; the stage of the family life cycle that characterized the families was named "launching the children"; the majority of the students continue to live with their families showing the durability of adolescent stage; the size of the family tended to reduce corroborating similar statistics; the differentiation in a majority of the students was due to the marriage; the women showed a greater life expectancy than the men; there was greater positive involvement with the parents and the maternal relatives; the family functioning tended to be entangled.

Key words: Genogram, psychosocial analysis of the family, family life cycle.

O presente trabalho foi decorrente do interesse comum das autoras pela área da Psicologia da Família que, como professoras e terapeutas de família, acharam ser de grande importância estimular pesquisas que fornecessem dados referentes às mudanças estruturais e psicossociais que estão ocorrendo nessa área. Especificamente, neste trabalho, procuramos verificar, através da técnica do Genetograma ou Genograma, a estrutura e funcionamento da família de estudantes de Psicologia, do sexo feminino, que haviam cursado a citada disciplina. Essa é optativa e faz parte do currículo do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPb) desde 1987. Um dos itens do conteúdo programático é a elaboração do Genetograma como instrumento de sensibilização para os alunos que são introduzidos na compreensão da família, como também para uma reflexão acerca das mudanças ocorridas no ciclo vital de suas próprias famílias. Em geral, esses alunos estão entrando na vida adulta, seus pais estão vivenciando a meia-idade, e a família, como um todo, está atravessando a fase do ciclo de vida familiar denominada "lançando os filhos e seguindo em frente," segundo McCullough & Rutenber (1995).

Embora seja cada vez crescente o interesse pelo estudo da família no Brasil, ainda são poucos os que focalizam especialmente a fase do lançamento dos filhos. Alguns estudos podem ser considerados pioneiros na utilização do Genetograma como instrumento de pesquisa (Bucher, 1986; Trindade, 1992; Paccola, 1994). Embora sua aplicação na área da pesquisa não seja tão desenvolvida como na área clínica, ele tem-se mostrado um instrumento bastante promissor. Acreditamos, portanto, que o presente trabalho poderá oferecer subsídios a todos os que se interessam pelo estudo e atendimento à família.

Neste estudo foram utilizados, como referencial de análise, dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD (1981/90), que nos permitiram traçar um parâmetro e avaliar as transformações demográficas e sociais que estão ocorrendo na composição e tamanho das famílias.

A seguir, apresentaremos, sucintamente, alguns conceitos da Teoria Estrutural de Minuchin (1982) e da Teoria do Ciclo Vital, adotada por Carter & McGoldrick (1995), que serviram de referencial teórico para este estudo.

O CONCEITO DE FRONTEIRA NA TEORIA ESTRUTURAL DE MINUCHIN

Minuchin (1982, p. 56) definiu a família "... como um sistema aberto em transformação, isto é, constantemente recebe *inputs* para / e do extra familiar, e se adapta às diferentes exigências dos estágios de desenvolvimento que enfrenta". Para ele "... uma família é um sistema que opera através de padrões transacionais que regulam os comportamentos dos seus membros. Segundo o referido autor, a

continuidade da família como um sistema depende da acessibilidade de padrões transacionais alternativos e da flexibilidade para mobilizá-los nos momentos que se fizerem necessários. O autor utilizou o conceito de *fronteiras* para a avaliação do funcionamento familiar. A fronteira "...tem a função de proteger a diferenciação do sistema" e, baseado no grau de nitidez das fronteiras dos subsistemas familiares, ele elaborou uma tipologia da família. Minuchin (1982, p.60) classificou como *famílias emaranhadas* aqueles sistemas familiares cuja diferenciação é difusa, os membros giram em torno de si mesmos e apresentam um aumento de comunicação e preocupação excessivas entre si "...o comportamento de um membro afeta imediatamente os outros, e o estresse num membro individual repercute fortemente através das fronteiras e ressoa rapidamente nos outros subsistemas". Às famílias que desenvolvem fronteiras excessivamente rígidas ele denominou de *famílias desligadas*, localizadas no limite extremo da escala. "O desligamento tolera uma larga amplitude de variações individuais entre seus membros e somente um nível elevado de estresse individual pode repercutir fortemente para ativar os sistemas de apoio da família" (Minuchin 1982). Esses dois tipos de famílias encontram-se em pólos extremos de um contínuo e Minuchin assinalou possíveis funcionamentos patológicos nesses extremos. No entanto, entre esses dois pólos, encontra-se a maioria das famílias ditas normais, funcionais.

A TEORIA DO CICLO VITAL DA FAMÍLIA

Essa teoria postula que a educação dos filhos é o elemento organizador da vida familiar, sendo focalizado o movimento da família através do tempo (Carter & McGoldrick,

1995). Juntamente com outros colaboradores, as referidas autoras caracterizaram os diversos ciclos que a família atravessa, indo do lançamento do jovem adulto que sai de casa para iniciar o processo de construção de sua identidade até ao da família no estágio tardio da vida.

Neste trabalho, focalizaremos, principalmente, as mudanças demográficas ocorridas no estágio denominado “lançando os filhos e seguindo em frente”. O relatório do Census Bureau de 1981 sobre os norte-americanos, durante o estágio do meio de vida, incluiu, na meia idade, todos aqueles entre 45 e 64 anos, sendo um grupo que cada vez vem aumentando diante da maior expectativa de vida, aliada à redução do tamanho das famílias. Há evidências de que os pais concluem mais cedo a tarefa primária de lançar os filhos, significando que o casal de meia-idade passa um longo período sozinho após o lançamento dos filhos. As famílias de meia-idade, em geral, estão com situação financeira estável, tendo contribuído para isso a participação da mulher no mercado de trabalho (McCullough & Rutenberg, 1995). Segundo as citadas autoras, o referido estágio apresenta quatro tarefas básicas: 1) a *mudança na função do casamento*, uma vez que a função parental não é tão primordial e o casal pode passar a fazer uma reavaliação do casamento; 2) o *desenvolvimento do relacionamento com filhos adultos*, significando que o bom relacionamento dos pais com os filhos adultos representa a culminância de um longo processo de “deixar partir”. Os indicadores de uma separação bem sucedida no jovem adulto são a aquisição de habilidades para um trabalho ou carreira, arranjos ou planos de vida independente e o desenvolvimento de amizades estáveis e relacionamentos íntimos, culminando no casamento e na reprodução; 3) a *expansão dos relacionamen-*

tos familiares para incluir parentes por afinidade e netos em que se salienta a forma como se deu o casamento dos filhos. O casamento representa uma das mais importantes transições para o jovem adulto e une as gerações. Os pais precisam “chegar a um acordo” sobre como enfrentar as escolhas dos filhos; 4) a oportunidade de resolver relacionamentos com pais que estão envelhecendo, o que significa que pode haver uma série de “negócios incompletos” a serem resolvidos pela geração do meio com seus próprios pais. Tudo o que está acontecendo com estes (aposentadoria, doenças, segurança financeira, morte) tem impacto sobre a geração do meio, cabendo, em geral, às mulheres o papel de cuidadoras da família, enquanto os homens assumem mais o papel de provedores.

MÉTODO

a) Sujeitos

A amostra foi composta por 32 alunas de Psicologia que haviam cursado a disciplina Psicologia da Família do curso de Formação em Psicologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPb). De um total de 60 Genetogramas arquivados, foram retirados, aleatoriamente, 34, dos quais dois foram excluídos por serem de alunos do sexo masculino. Dos 32 selecionados, 24 alunas se encontravam na faixa etária entre 20 e 30 anos e oito acima de 30 anos; 22 eram solteiras e 10 eram casadas.

b) Instrumento

Nesta pesquisa, foi utilizado um modelo padrão de Genetograma retirado de McGoldrick & Gerson (1985, 1995).

Esses autores definiram o Genetograma como “um retrato gráfico da história e do padrão familiar, mostrando a estrutura básica, a demografia, o funcionamento e os relacionamentos da família” (1995, p.144). As informações estruturais, relacionais e funcionais acerca das famílias retratadas no Genetograma podem ser vistas tanto horizontalmente, através do contexto familiar, como verticalmente, através das gerações. A pessoa que descreve (a pessoa índice) pode ser vista no contexto de vários subsistemas, tais como irmãos, pais, pares ou em relação a um contexto social mais amplo, assim como uma instituição social ou uma região demográfica específica. O Genetograma inclui, pelo menos, três gerações dos membros da família, tanto quanto os eventos notais e críticos da história daquelas famílias, particularmente os relacionados ao ciclo de vida.

c) Procedimento

Devidamente orientadas pela primeira autora, as alunas confeccionaram individualmente seus Genetogramas, além de uma descrição e relato da história de suas famílias. Foi solicitado que elas qualificassem (com três adjetivos), no próprio Genetograma, por ordem de prioridade, três vínculos significativos percebidos como positivos e três percebidos como negativos no conjunto de suas relações familiares. Também foi sugerido que elas classificassem seus sistemas familiares utilizando a tipologia de fronteira familiar de Minuchin (1982). A análise dos Genetogramas foi realizada, conjuntamente, pelas autoras, que procuraram caracterizar e descrever os dados demográficos mapeados pelas alunas de Psicologia, explorando a estrutura familiar, como também alguns aspectos do funcionamento da família.

Do ponto de vista quantitativo, os dados foram submetidos a uma análise descritiva, compreendendo frequência e percentual, e do ponto de vista qualitativo foi utilizada uma análise de conteúdo baseada no relato das informantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO*

1. Resultados referentes aos dados demográficos

Esta dimensão engloba as seguintes categorias: tipo de organização familiar, ciclo de vida familiar, composição e tamanho das famílias; participação feminina na força de trabalho e longevidade feminina.

1.1. Organização familiar

Em relação ao tipo de organização familiar, vale salientar que trabalhamos com os resultados obtidos das informantes pertencentes ao segundo grupo (≥ 20 e ≤ 30)*.

Constatamos que das 24 famílias, 13 se enquadram no tipo de Família Nuclear, com um percentual de 54,00%. Nesse tipo de família observamos que nove alunas se encontram dentro de casa e quatro estão fora do lar para estudar, todas dependentes financeiramente dos pais. Em segundo lugar, vem o tipo Monoparental, com quatro famílias (16,66%), todas compostas pelas mães e seus filhos. Em seguida vêm o tipo Formação de um Novo Sistema (aquelas em que a filha também casou) e Família Extensa, ambas com uma frequência de 12,50%. O tipo Recasada apresentou-se com uma frequência de 4,16%.

Ribeiro, Saboia & Castelo et al (1994), pesquisadoras do IBGE-Departamento de Estatísticas e Indicadores Sociais, identificaram as principais mudanças ocorridas nas famílias brasileiras no decorrer dos anos 80. Foram utilizados para essa avaliação dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios-PNAD- de 1981 e 1990. Em sua análise da evolução dos diferentes tipos de unidades domésticas, os autores assinalaram que uma das mais significativas tendências é a redução das famílias constituídas por casais com filhos e um incremento de formas alternativas de organização familiar, tais como famílias formadas por mulheres sem cônjuge e unidades domésticas unipessoais.

O modelo tradicional de família entre 1981 e 1990 teve uma redução relativa de 6,3%. Do total de 65% de unidades domésticas em 1981 passou a 60,9% em 1990, enquanto que os lares monoparentais sofreram um aumento de 19%. Foi registrada uma maior redução no Sudeste do país (6,3%) do que no Nordeste (5,3%). No Recife (cidade mais próxima de João Pessoa), o percentual de casais com filhos foi de 56,9%, enquanto que, na nossa pesquisa, foi de 54,0%. Para famílias chefiadas por mulheres, o percentual foi de 20,5%, enquanto que, no nosso estudo, foi de 16,6%. Levando em consideração a diferença de metodologia empregada em ambas as pesquisas, podemos dizer que nossos dados confirmam a tendência nacional no sentido de uma redução do modelo tradicional de família e um incremento de novos tipos de organização familiar.

1.2. Família e ciclo de vida

Uma das formas mais utilizadas para definir as etapas do ciclo de vida da família é considerar a idade dos seus membros.

A *média* de idade das alunas do primeiro grupo foi de 27,18 e a *média* do segundo grupo foi de 23,8, enquanto que a *moda* foi de 24 anos, correspondendo a 75% da amostra. O percentual de alunas mais velhas foi de 25% (oito alunas). Podemos observar que as alunas se encontram dentro da fase de maturidade de suas famílias, a qual corresponde ao momento em que os filhos têm 14 anos ou mais, segundo Ribeiro, Saboia & Castelo et al (1994).

No que diz respeito à idade dos pais das alunas do primeiro grupo (excluindo-se nove falecidos), verificamos que tanto a *média* quanto a *moda* de idade dos pais foi de 55,13 anos. Para o segundo grupo, a idade dos pais variou entre 40 a 67 anos, com uma *média* de 53,35. A *média* de idade das mães (excluindo-se 3 falecidas) foi de 51 anos, para o primeiro grupo, e de 47,70 para o segundo grupo, apresentando uma variação de idade entre 38 a 61 anos. A *moda* ficou em 46 anos. A *média* de idade das mães, quando tiveram seu último filho, foi de 30,37 anos e o último filho apresentou uma *média* de idade de 17,33 anos, tendo havido uma variação de idade entre 9 e 23 anos. Esses resultados corroboram os que foram encontrados na população americana para caracterizar os adultos que estão na meia idade (McCullough & Rutenberg, 1995). As referidas autoras salientaram que esse estágio se inicia com o lançamento dos filhos e continua até a aposentadoria, denominando-o como “lançando os filhos e seguindo em frente”. Levando em conta as médias apresentadas, podemos dizer que, no presente estudo, 75% da amostra (referente ao segundo grupo) se encontra nesse estágio e 25% estaria inserida no “estágio tardio da vida”, segundo Walsh (1995).

Um outro aspecto observado, que confirma a inserção dessas famílias no estágio do lançamento, foi a presença

de filhos lançados e pais que se tornaram avós. Das 32 famílias pesquisadas, 20 (62,00 %) já cumpriram essa tarefa, considerada básica deste estágio. Em 10 famílias (31,00 %), esse evento foi proporcionado pelas próprias informantes, que o fizeram através do casamento. As outras 10 famílias o fizeram através dos seus filhos homens, que não foram pesquisados.

No entanto, vale observar que, excetuando-se 10 alunas casadas e uma solteira, todas as outras 21 alunas (correspondendo a 65,62 %) são dependentes financeiramente dos seus pais. Esse é um dado muito interessante e aponta para a permanência do jovem adulto em casa. Esse fenômeno está ocorrendo em outras sociedades, como é o caso da Itália (Scabini, 1991, p. 45). A autora comentou que “a condição de jovem adulto, geralmente considerada como um momento de transição, hoje, cada vez mais se configura como uma nova idade na vida individual e familiar”. Ela enfatizou o papel da família como fonte indispensável de recursos para os seus componentes jovens, decorrente da crise financeira do país, problemas de habitação, como também da prolongada escolarização. Nossas famílias nordestinas encontram-se dentro de um contexto social semelhante.

Em decorrência da prolongada permanência do jovem com a família, constatamos que os pais do segundo grupo ainda exercem, primordialmente, suas funções parentais. Desse modo, os pais de nossa amostra não acompanharam a tendência dos pais americanos nesse estágio, que, segundo McCullough & Rutenber (1995), estão concluindo cedo a tarefa primária de lançar seus filhos. Nos E.U.A., sobretudo na classe mais favorecida, a saída dos filhos de casa é quase obrigatória e coincide com o seu ingresso na

Universidade. Cohler & Geyer (apud Scabini, 1991, p. 45), assinalaram "... que o estereótipo social que indica na autonomia o estilo mais apropriado das relações entre as gerações no interior da família, está, de um lado, em contraste com a realidade dos fatos, e de outro, não favorece a tomada de consciência dos aspectos dos vínculos, que todavia estão vivos nas relações entre os adultos da própria família". Vale ressaltar, antecipadamente, que as alunas classificaram como predominantemente positivos os vínculos afetivos com seus pais, como também classificaram como bastante coeso o funcionamento de suas famílias, o que confirma a estreiteza dos vínculos no interior dessas, possivelmente encorajando a dependência dos seus filhos jovens. Bowen (1991) salientou que, freqüentemente, se confunde o processo de diferenciação com o distanciamento físico, com a separação forçada ou com a diversidade de opiniões. Para ele, a diferenciação do "si-mesmo" da família de origem é um processo de separação emocional lento, complexo e, além disso, incompleto.

O relato de algumas informantes deixa entrever os conflitos gerados por seu afastamento da casa dos seus pais. Nas palavras de uma delas: "sou muito apegada a meus pais, principalmente à minha mãe; às vezes, penso que esse emaranhamento não é bom, pois precisamos desempenhar as nossas funções sozinhas, com independência, mas não consigo mudar. É bom saber que posso contar com minha família para qualquer coisa" (sic).

Aylmer (1995) descreveu o estágio denominado "o lançamento do jovem adulto solteiro", no qual incluiu indivíduos na casa dos 20 anos que estão fisicamente separados dos pais, trabalhando ou vivendo fora da casa dos mesmos. Em nossa amostra, 6 alunas estão fora de casa para estudar, consolidando o processo de construção de sua identi-

dade e dos relacionamentos íntimos. No entanto, não são independentes, financeiramente, de seus pais, fato que as exclui desse estágio, apesar de nele estarem inseridas através da idade.

No decorrer desta análise, observamos que a classificação dos pais de nossa amostra se enquadrou no estágio “lançando os filhos e seguindo em frente”, segundo McCullough & Rutenberg (1995), quando levamos em conta a categoria idade. Todavia, levando em consideração a realização das tarefas básicas desse estágio, isso não aconteceu. Tomando como exemplo a característica “*mudança na função do casamento*”, observamos que muitos pais de nossa amostra ainda continuam desempenhando suas funções parentais, enquanto que as autoras assinalaram que, entre os pais americanos pertencentes a esse estágio, a função parental não é tão primordial.

1.3. Composição e Tamanho da Família

A redução do tamanho da família é um outro aspecto marcante na mudança de padrões na organização da família brasileira. No que se refere ao tamanho das famílias, constatamos um menor número de componentes dentro do contínuo do ciclo de vida familiar.

Primeiramente gostaríamos de salientar que a *média* encontrada para a *composição familiar* da segunda geração (referente ao segundo grupo) foi de 4,37 pessoas por família. Ribeiro, Saboia & Castelo et al (1994), constataram, em 1981 e 1990, que o número médio de pessoas por família caiu de 4,5 para 4,1. Isso ocorreu tanto na área urbana (3,9) quanto na área rural (4,5). O Nordeste, porém, apresentou, em 1990, o maior número médio de componentes, o qual foi de 4,4, média essa confirmada por nosso resultado, que

obteve 4,37 apesar das diferenças metodológicas já enfatizadas.

Com relação ao *número de filhos*, nas famílias de origem paterna e materna (primeira geração), a *média* de filhos foi de 6,0. A *média* de filhos da segunda geração (pais das informantes) referente ao primeiro grupo foi de 4,71 e, para o segundo grupo, foi de 3,37. Foi tomada uma amostra das famílias de alunas mais jovens, entre 20 e 24 anos, e observamos uma *média* de 3 filhos por família. Segundo Gruspun & Gruspun (1990), entre 60 e 80, no Brasil, a fecundidade caiu em um terço e a tendência, no futuro, é que as famílias optem por 2 filhos no máximo. Em 1990, Ribeiro, Saboia & Castelo et al, apontaram uma média de 2,5 para as famílias nordestinas. Desse modo, podemos afirmar que nossos resultados confirmaram o decréscimo no índice de natalidade detectado pelas estatísticas brasileiras. As citadas autoras assinalaram que a redução no tamanho das famílias, apesar de estar se verificando em todas as classes de renda, ocorreu com maior intensidade nas classes mais desfavorecidas a partir dos anos 90. Nas classes de rendimento superior, a redução ocorreu em anos anteriores, com o incremento da participação da mulher no mercado de trabalho, como também devido às mudanças culturais ocorridas desde os anos 60, especialmente no que refere ao uso dos anticoncepcionais. As mães das nossas alunas se enquadrariam dentro desse contexto.

1.4. Participação feminina na força de trabalho

Essa categoria tem estreita relação com a descrita anteriormente. Observamos que o total de mães que contribuem para a renda familiar é de 82,60 %. As mães que não trabalham de forma remunerada perfazem um total de 17,39 %.

Com relação à força de trabalho, excluindo as três mães falecidas, constatamos que 13 mães trabalham fora, no âmbito público (44,82% da amostra), três trabalham de forma remunerada no âmbito privado, perfazendo um total de 16 mães (55,17%) que contribuem para a renda familiar. Quatro não trabalham de forma remunerada (13,79%), sendo classificadas como “do lar” e três são aposentadas.

Podemos afirmar, pela participação das mães no mercado de trabalho, que as mulheres estão tendo um novo papel no desenvolvimento global da família. Como bem disseram Ribeiro, Saboia & Castelo et al (1994, p.133), “o acelerado processo de urbanização a partir dos anos 50, acompanhando a industrialização e o crescimento econômico, trouxeram consigo a mudança dos valores, a redefinição de papéis da mulher e sua maior participação no mercado de trabalho”.

Essa mudança está diretamente relacionada ao nível de instrução da mulher. Das informações colhidas acerca desse nível (N=19), 7 mães apresentam um grau superior de instrução, 2 possuem o 2º Grau, 9 têm o 1º Grau e apenas 1 é semi-analfabeta. O maior nível de instrução apresentado nessa geração, em comparação com a primeira geração em que poucas avós fizeram o primário, evidentemente, estimulou uma busca de educação universitária para suas filhas, possibilitando outra forma de mobilidade social ascendente, além do casamento (Salem, 1980). Em nossa amostra, 7 alunas são casadas e 3 são separadas, perfazendo um total de 10 alunas que saíram de casa para casar (31,25%). As 22 alunas (68,75%) restantes são solteiras. Portanto, embora persistindo o modelo de saída de casa pelo casamento, observamos um maior investimento da mulher na sua formação profissional.

Da terceira geração, do total de 32 alunas, apenas seis trabalham (18,75%), das quais 4 são casadas e duas são solteiras, enquanto 26 alunas, (81,25%) apenas estudam. Esse fato vem corroborar o investimento da geração do meio na qualidade da educação das filhas. Barroso & Namó de Mello (apud Salem, 1980, 92) informam “que 50%, aproximadamente, da população interessada em ingressar nas universidades era composta de mulheres, e sua participação efetiva nesses estabelecimentos sofreu também um incremento bastante significativo: de 26% em 1956 passou a 40% em 1971”. Apesar de não termos dados quantitativos sobre a renda familiar de nossa amostra, o discurso das informantes revela, em sua maioria, seu pertencimento a extratos médios da sociedade, “o que aumenta as chances de sucesso tanto na universidade quanto no mercado de trabalho” (Salem, 1980, p.93).

1.5. Longevidade feminina

Essa categoria se refere à perspectiva de vida das mulheres da 1ª geração. Detendo-nos nas figuras dos avós (paternos e maternos), constatamos que 44 avôs e 36 avós são falecidos, enquanto 18 avôs e 26 avós continuam vivos, sendo que apenas uma aluna não forneceu tais informações. Esses dados confirmam a literatura que diz que “as mulheres apresentam uma probabilidade de enviuvar quatro vezes maior que o homem” (Walsh, 1995, p. 273). Na segunda geração, das 32 famílias pesquisadas, 9 pais são falecidos, enquanto 3 mães são falecidas. Esses dados reforçam resultados de pesquisas anteriores quanto a uma maior mortalidade por parte dos homens. Dos avôs viúvos apenas dois recasaram, o que não ocorreu com as avós. Na

segunda geração, um pai e uma mãe recasaram. A idade média dos avôs vivos foi de 70,5 anos, enquanto a das avós foi de 76 anos, o que sugere uma maior longevidade por parte das mulheres. A média de idade dos avôs falecidos foi de 74,5 anos e a das avós falecidas foi de 67,5 anos, considerando tanto a linhagem materna quanto a paterna.

2. Funcionamento da família

Esta dimensão compreende a análise das categorias vinculação pais/filha e delineamento de fronteiras.

2.1. Vinculação pais/filha

As respondentes qualificaram suas relações com seus pais como positivas, porém os vínculos com suas mães foram caracterizados como positivos prioritariamente numa proporção de 12 para 03. Quatro alunas qualificaram como negativas suas relações com seus pais (pai e mãe) e uma qualificou como ambivalente sua relação com sua mãe. Duas descreveram como ambivalentes suas relações com seus pais (pais alcoólicos).

Os *qualificativos positivos* mais freqüentes utilizados pelas alunas para caracterizar a relação com suas mães foram: “amistosa, carinhosa, amorosa, relação de admiração e compreensão”. Para caracterizar a relação positiva com seus pais, os qualificativos foram os seguintes: “carinhosa, de admiração, amorosa e de proteção”. Os *qualificativos negativos* utilizados para caracterizar a relação mãe/filha foram: “temperamental, humor instável, implicante, não admite críticas, se faz de coitadinha, pouco afetuosa, tagarela”. Já para caracterizar o vínculo negativo pai/filha, foram

utilizados adjetivos como: “ríspido, intransigente, inconstante, tradicional, dominador, castrador, desatencioso, distante (sem comunicação), relação de medo, de decepção”. Os qualificativos escolhidos para descrever a relação *ambivalente* com a mãe foram: “carinhosa e ao mesmo tempo autoritária e incompreensível”. Para caracterizar a relação ambivalente com a figura paterna foram utilizados: “jovial, cuidadoso/desagradável, nervoso, impaciente” (pais alcoólicos).

2.2. *Delineamento de fronteiras*

Essa categoria tomou como ponto de referência a tipologia de família postulada por Minuchin (1982).

Do total de 32 informantes, 27 (84,00%) classificaram suas famílias como “tendentes ao emaranhamento”, 2 famílias como “tendentes ao desligamento” e 3 famílias foram classificadas como “saudáveis”, isto é, apresentando fronteiras nítidas.

Estes resultados são muito interessantes, pois era de se esperar que essas alunas, em processo de diferenciação, classificassem o estilo de interação de seus sistemas nucleares como “tendente ao desligamento”, o que não ocorreu.

De um total de 9 informantes, 6 classificaram seu sistema familiar de origem materna (S.F.O.M.) como “tendente ao emaranhamento”, duas como “tendente ao desligamento” e uma família como de “fronteiras nítidas”.

Com relação ao sistema familiar de origem paterna (S.F.O.P.), das 17 informantes, 13 o classificaram como “tendente ao desligamento”, 4 o classificaram como “tendente ao emaranhamento”. Podemos observar que a tendência a uma maior coesão com o sistema familiar materno também ocorreu na 1ª geração, apesar do pequeno número de informantes.

Esses resultados são coerentes com as respostas das informantes com relação ao tipo de vinculação mãe/filha, preponderantemente positiva. Uma constatação desse resultado pode ser encontrada em Eisenberg (1988, p.216), quando referiu que “o envolvimento com a família de origem materna se intensifica porque as mulheres se identificam e procuram a ajuda de suas mães e avós quando aparecem seus próprios filhos” .

Não podemos esquecer o fato de que a maioria das informantes descende de pessoas da zona rural. A maior parte de seus avós morava na zona rural e, gradativamente, os homens da segunda geração (seus pais) foram migrando para a zona urbana à procura de melhores condições de vida, deixando mãe, esposa e filhos, que se uniram para uma melhor sobrevivência e espera do filho, esposo e pai ausente.

Podemos deduzir desses resultados que a força de coesão, de solidariedade e integração que vem do lado materno pode estar influenciando também a permanência das filhas jovens adultas no lar. Por um lado, isso é benéfico, pois, como todo sistema vivo, a família necessita dessas características integradoras; mas, por outro lado, a grande ênfase na coesão poderá trazer dificuldades ao processo de diferenciação das jovens adultas, constatadas através do número de informantes que permanecem na casa dos pais, totalizando 19 delas.

CONCLUSÕES

Neste trabalho, foi utilizada a técnica do Genetograma com 32 alunas do curso de Psicologia da UFPb. Os resultados obtidos através da análise dos dados, tanto demográficos como relacionais, permitiram-nos tecer as seguintes considerações:

- 1) o tipo de estrutura familiar predominante foi o de família nuclear, tradicional, de pais/filhos. No entanto, observamos uma redução desse tipo de família, confirmando o surgimento de novas organizações familiares, tais como: a família monoparental, a família recasada e a família extensa;
- 2) o estágio de vida em que se inseriram, predominantemente, as famílias das alunas foi o denominado “lançando os filhos”. Isso foi verificado através da idade apresentada pelas alunas e seus pais, como também pelo fato de 20 pais já terem lançado os filhos e se tornado avós;
- 3) verificamos que o jovem adulto está permanecendo cada vez mais em casa e, conseqüentemente, o desempenho das funções parentais ainda é bastante evidente em nossa amostra, discordando dos dados americanos;
- 4) comparando o tamanho das famílias por grupos de idade das alunas, verificamos que houve uma redução na taxa de natalidade, no contínuo do ciclo de vida, o que indica que a Paraíba acompanha o decréscimo na taxa de natalidade que vem verificando-se em outros países e estados do Brasil;
- 5) as jovens que se diferenciaram de suas famílias, fizeram-no, predominantemente, através do casamento. Porém, apesar da persistência deste modelo, detectamos que as alunas estão demorando mais para casar e investindo mais na formação acadêmica e profissional;
- 6) pudemos verificar que a linhagem materna apresentou maior longevidade que a linhagem paterna. Houve também um maior envolvimento das alunas com os familiares de origem materna;

- 7) as alunas qualificaram suas relações com seus pais como, predominantemente, positivas;
- 8) a maioria das informantes classificou o funcionamento de suas famílias como “emaranhado”. Os relatos evidenciaram que, nos momentos de doença, morte e mudança de cidade, a coesão da família tende a aumentar.

Finalizando, gostaríamos de ressaltar que as famílias estudadas se enquadraram, parcialmente, no estágio “lançando os filhos e seguindo em frente”. Outra constatação se refere ao próprio exercício de sensibilização. Todas as alunas acharam difícil a realização da tarefa, porém muito enriquecedora, tanto teoricamente quanto em relação a uma retomada do contato com familiares que participaram, com muito interesse, na busca dos dados. Gostaríamos de salientar a necessidade da continuação de pesquisas que venham aprofundar, cada vez mais, as características da família brasileira.

REFERÊNCIAS

AYLMER, C. R. O lançamento do jovem adulto. In: CARTER, B. ; McGOLDRICK, M. (org.). **As mudanças no ciclo de vida familiar**. Porto Alegre : Artes Médicas, 1995.

BOWEN, M. **De la familia al individuo**: la diferenciación del si mismo en el sistema familiar. Buenos Aires : Paidós, 1991.

BUCHER, J. Mitos, segredos e ritos na família II: uma perspectiva intergeracional. **Psicologia – Teoria e Pesquisa**, v. 2, n. 1, p. 14-22, 1986.

CARTER, B.; MCGOLDRIK, M. (org). **As mudanças no ciclo de vida familiar**. Porto Alegre : Artes Médicas, 1995.

EISENBERG, A. R. Grandchildren's perspectives on relationships with grandparents: the influences of gender across generations. **Sex Roles**, v. 19, n. 3/4, p. 205-217, 1988.

GRUSPUN, M.; GRUSPUN, F. **Casamento e acalanto**. São Paulo : Marco Zero, 1990.

McCULLOUGH, P. G.; RUTENBERG, S. K. Lançando os filhos e seguindo em frente. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. (org.). **As mudanças no ciclo de vida familiar**. Porto Alegre : Artes Médicas, 1995. p. 248-268.

MCGOLDRICK, M.; GERSON, R. **Genograms in family assesement**. New York : W. W. Norton & Company, 1985.

_____. Genetogramas e o ciclo de vida familiar. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. (Org.). **As mudanças no ciclo de vida familiar**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995. p. 144-166.

MINUCHIN, S. **Famílias, funcionamento e tratamento**. Porto Alegre : Artes Médicas, 1982.

PACCOLA, M. K. **Leitura e diferenciação do mito: histórias familiares de adolescentes com problemas**. São Paulo : Summus, 1994.

RIBEIRO, R. M.; SABÓIA, A. L.; CASTELO BRANCO, H. et al. In: KALOUSTIAN, M. S. (Org.). **Família Brasileira: a base de tudo**. São Paulo : Cortez: UNICEF, 1994.

SALEM, T. **O velho e o novo**: um estudo de papéis e conflitos familiares. Petrópolis : Vozes, 1980.

SCABINI, E. Autonomia psicologica ed interdependenza nella famiglia. **Psicologia contemporanea**. n. 104, p. 18-24, 1991.

TRINDADE, E. **Alcoolismo através das gerações**: um estudo teórico-clínico. 1992. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Brasília, DF.

WALSH, F. A família no estágio tardio da vida. In: CARTER, B.; McGOLDRICK, M. (Org.). **As mudanças no ciclo de vida familiar**. Porto Alegre : Artes Médicas, 1995. p. 269-287.

NOTAS

- ¹ Mestre em Psicologia e Especialista em Psicoterapia Familiar. Prof^a Adjunto IV do Departamento de Psicologia.
- ² Doutora em Psicologia e Especialista em Psicoterapia Familiar. Prof^a e Coordenadora do Mestrado em Psicologia Clínica. E-mail: cgp@unicap.br
- * Os resultados que não totalizarem 32, justificam-se por falta de informações das alunas, como também pela utilização de grupos diferenciados por idade. Em decorrência da variação de idade apresentada pela amostra, optamos pela formação de dois grupos: 1º grupo (N=32), formado por todas as informantes (≥ 20 e ≤ 50); o 2º grupo (N=24), (≥ 20 e ≤ 30), excluindo oito alunas mais velhas.